



O lixo e a Relação do Sujeito: A Representação da Sociedade que vive no lixão de Itabuna, Bahia¹

Alane Gonçalves dos REIS²
Julianna Nascimento TOREZANI³
Faculdade do Sul, Itabuna, BA

RESUMO

O presente trabalho busca discutir a respeito da fotografia enquanto elemento de divulgação de mensagens de cunho jornalístico. A documentação dos fatos, bem como as representações da realidade, será realizada a partir da visualização das imagens que compõem o lugar, denominado lixão, localizado na cidade de Itabuna, na Bahia, onde há pessoas que sobrevivem da coleta de resíduos recicláveis. Tem como objetivo documentar, por meio das imagens do lugar, o cotidiano das pessoas que vivem do lixo e, a partir destas, fomentar a discussões sobre consciência ambiental. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa compreende uma revisão bibliográfica e uma abordagem exploratória, composta por entrevistas, no intuito de atender aos objetivos propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Fotojornalismo. Lixo. Sociedade. Sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fotografia é um registro visual que, ao longo dos anos, tem conquistado grande espaço na mídia contemporânea, pois tem sido a principal referência documental da história. Neste contexto, esta pesquisa será apresentada através do fotojornalismo, visando registrar uma realidade social a partir da interpretação do real, na qual a fotografia irá atuar como documento que retrata a perspectiva da realidade de um lugar e dos sujeitos que o habitam.

O fotojornalismo permite o registro dos acontecimentos sociais e demonstra como esses fatos afetam as pessoas, possibilitando o aprofundamento no tema escolhido, através das imagens. Dessa forma, o principal fator do presente trabalho é abordar o convívio social e as condições do lugar a ser registrado e documentado, além de permitir a visibilidade da situação de uma sociedade excluída dos direitos sociais. O lugar escolhido foi o lixão da cidade de Itabuna, na Bahia, que fazem do lixo um lugar, uma arte, um refúgio. A produção levará a uma reflexão diante de tudo que é descartado pela sociedade, fazendo referência ao desperdício e à consciência ambiental.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FACSUL, email: alanereis18@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Coordenadora e Professora do Curso de Jornalismo da FACSUL, email: juliannatorezani@yahoo.com.br



No entanto, a fotografia é capaz de gerar sentidos individuais, ou seja, poderá ser interpretada de maneira única a cada cidadão. Nesse ínterim, pretende-se refletir sobre um mundo repleto de representações imagéticas que, de fato, representam uma parcela da realidade próxima. Portanto, o ponto central do trabalho não busca a verdade absoluta dos fatos a partir das fotografias (até porque a mesma permite as interpretações individuais), e sim procura buscar revelar as complexas relações entre seres humanos em meio ao lixo, num contexto em que a miséria e a luta pela sobrevivência norteiam as práticas cotidianas.

Desta forma, suscitam-se algumas perguntas fundamentais para a condução do trabalho: As pessoas que vivem do lixo são sujeitos “ocultos”? Quem são essas pessoas que vivem do lixo produzido pela sociedade “civilizada”?

Como objetivo geral, busca-se documentar, por meio das fotografias, a realidade da comunidade que vive no lixão de Itabuna, Bahia. Dentre os objetivos específicos, pretende-se identificar os meios de sobrevivência dentro do lugar denominado lixão, propondo mostrar caminhos para que o outro desperte através das fotos (expressões, gestos) uma consciência ecológica através das representações do lugar. E, também, analisar as formas pelas quais são representadas determinadas realidades através do olhar do observador/fotojornalista. Este trabalho de pesquisa defende, portanto, o uso do gênero fotojornalístico como suporte capaz de gerar uma ampla visualização dos fatos, possibilitando o fomento das discussões de cunho social e ecológico.

A metodologia desta pesquisa baseou-se nos procedimentos de consultas bibliográficas e também uma abordagem à luz do método qualitativo. A estrutura de coleta de dados primários, composta por entrevistas, seguiu duas vertentes aplicadas em momentos distintos: a primeira constitui-se de entrevista estruturada, visando identificar elementos com faixa etária, renda média e grau de escolaridade dos indivíduos que sobrevivem do lixo; no segundo momento, baseada na técnica semi-estruturada, com perguntas inerentes às diversas percepções dos catadores. A produção fotográfica a partir do fotojornalismo é a forma como os sujeitos serão registrados no lixão, serão inseridos como critério de amostragem para representar a sociedade que sobrevive do lixão de Itabuna, a partir da pesquisa exploratória, com o levantamento de informações sobre o lugar, delimitando, assim, o campo de trabalho e mapeando as condições de sobrevivência.



1 A COMUNICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO IMAGÉTICO

A comunicação é um ponto de partida para disseminação da mensagem nos diversos veículos, é uma forma de manter as pessoas informadas dos fatos que acontecem no mundo em que a mídia é responsável pelo conteúdo, mas que também é exercida fora dela, pois a comunicação é uma relação entre indivíduos, que, mesmo sem oportunidade de expor opiniões nos meios de comunicação, conseguem relacionar-se com o outro. Segundo Pinto (2003, p. 7), “podemos definir comunicação como o conjunto das relações dos homens entre si, das formas de expressão das quais se servem e do emprego de técnicas”.

O ato de comunicar-se faz com que os assuntos passados sejam retomados pelos cidadãos que o tornam presente e com possibilidades de extensão para discussões futuras. Segundo Bordenave (2006), a comunicação está presente em todos os meios sociais. A comunicação é a essência de fatores que envolvem os meios sociais e a vida pública e é necessário que esta comunicação seja completa para que, dessa forma, a mensagem seja compreendida por todos os membros da sociedade.

O ser humano representa o meio e, para que seja representado em sua totalidade, é necessário que haja comunicação e esta consiste em palavras ou simples gestos que conotam significações plenas do que é pretendido disseminar. Para Bordenave (2006, p. 19), “a comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” e, por isso, é importante conhecer signos e símbolos de cada cultura para que a emissão e a recepção dos dados sejam integrais e perceptíveis ao meio social.

O jornalismo é uma área da comunicação que tem a possibilidade de explorar os fatos fazendo com que a informação possa chegar até o leitor da forma mais próxima da realidade. Na exposição das matérias, os fatos são apurados de acordo com a percepção do profissional que vai julgar ser importante ou não a divulgação para conhecimento geral, por isso, a realidade relatada é apenas um recorte dos fatos.

Talvez a grande dificuldade que os jornalistas têm em aceitar que as notícias não são o reflexo preciso da realidade seja fruto da ausência de uma observação distanciada sobre sua profissão. Eles enxergam o mundo sob as lentes de sua própria cultura profissional, o que também é uma forma de etnocentrismo (PENA, 2008, p. 151).

O jornalismo é um dos elementos da comunicação que tem como objetivo afirmar, com ética, os processos de produção e divulgação da mensagem. Deve ser excluído do seu repertório, por exemplo, o uso de palavras com significados dúbios, que possam confundir o leitor ou forçá-lo a uma interpretação diferente da realidade. O fato deve ser transmitido de



forma que o leitor possa reconhecer o acontecimento através do texto ou da composição entre texto e imagem.

De acordo com as ideias de Haas (apud KUBRUSLY, 1991, p. 10), a fotografia é “a manifestação democrática de uma arte aristocrática”. À imagem e à fotografia serão atribuídos conceitos de espelho da realidade e como a mesma está inserida no jornalismo. A proposta é direcionar uma reflexão da inserção de imagens fotográficas do meio social, levando a reflexões de como a fotografia pode interferir na compreensão dos fatos em sua divulgação, este será também o ponto de referência para tratar os gêneros do fotojornalismo.

O termo imagem designa-se à representação de algo que é passível de várias interpretações e, tendo esta como forma de expressão visual carregada de conceitos, sua divulgação nos meios de comunicação pode ser interpretada de maneiras diversas, a depender da intenção do veículo.

Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode enganar ou educar. Reflexo, pode levar ao conhecimento. A Sobrevivência, o Sagrado, a Morte, o Saber, a Verdade, a Arte, se tivermos um mínimo de memória, são os campos a que o simples termo “imagem” nos vincula (JOLY, 1996, p. 19).

A imagem possui pontos de conexões, entre seus elementos de composição, que podem ser percebidos pela sociedade de acordo com sua época. O olhar é sempre direcionado podendo chamar a atenção dos acontecimentos em um determinado ponto da imagem.

A imagem é também uma forma de representação que torna as pessoas mais próximas, sua simbologia faz com que mais indivíduos produzam diversos tipos de imagens para que outros tenham possibilidade de ver e suprimir a saudade de alguém que esteja fora do seu convívio social, por exemplo. As redes sociais e os álbuns de fotografias são uma forma de perpetuar os momentos e guardar as lembranças que puderam ser registradas em alguns segundos de suas vidas e que foram eternizadas após um *clic*. Segundo Achutti (1995, p. 437), “a imagem passa de fato a preencher o lugar daquele que se foi”. E essa necessidade de produção de imagens é para substituir alguém ou alguma coisa, a partir da contemplação.

As milhares de imagens que são produzidas diariamente são, de certa forma, um bombardeio de informações, já que buscam representar algo. As pessoas já estão condicionadas a ver imagens a todo tempo, é natural, mas o olhar pelo qual a imagem deve ser interpretada deve ser treinado, é cultural, ao ponto que o indivíduo consiga ler e decodificar os símbolos presente nesta representação.

A vinculação que existe da imagem com a mídia leva a possibilidade ao leitor de criar maior envolvimento com a informação. O conteúdo da imagem pode trazer grandes impactos



para quem lê apesar de sua interpretação ser individual. Essa realidade fundamentada passa a existir e ser compreendida após sua disseminação, pois uma imagem que por si só já representa um fato, ou mesmo um conceito de ser social, passa a ser apenas um arquivo se não é de conhecimento do público. Então, só se conhecem os fatos e pode envolver-se para agregar conhecimentos e agir como cidadão responsável por mudanças nas atitudes a partir do registro e da divulgação na mídia, que é um artifício para fazer da fotografia um documento que retrata a realidade.

A fotografia surgiu da necessidade que o homem tinha, e tem até hoje, de imprimir seu atestado de presença e de existência. Sua principal função é documentar e registrar fatos e momentos marcantes dos indivíduos e das sociedades. Como afirma Roland Barthes, no livro *A Câmara Clara* (1984), a fotografia é um certificado de presença em que o fotógrafo é a testemunha dos fatos. Com o advento da fotografia, a representação dos fatos passou a ser por meio de imagens e, através dela, tornou-se possível a visualização de acontecimentos dos diversos lugares.

A fotografia, quando passou a ser utilizada pelos meios de comunicação como forma de disseminar a informação de um jeito que pudesse ser visualizada pelo seu receptor, foi preciso utilizar-se de câmeras mais leves para que, dessa forma, tivesse a oportunidade de ir de encontro aos fatos de maneira mais ágil, a transição do filme para o *pixel* fez com que a informação pudesse chegar às editorias em menor tempo. Com a evolução das novas tecnologias, surgiu no mercado mundial a fotografia digital que facilitou o fotojornalismo, pois o registro é realizado no instante em que acontece, é o que Cartier Bresson chamou de “instante decisivo” desde os meados do século XX, estar no lugar certo, com o equipamento adequado e a disposição para que, no momento do *clic*, o evento pudesse ser registrado de acordo com o propósito do fotógrafo.

Segundo Kossoy (1999, p. 33), “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo”. A realidade de uma fotografia também pode apresentar ambiguidades, o que deve ser evitado pelo fotógrafo no ato de fotografar, pois a fotografia também pode ser considerada um documento histórico capaz de gerar testemunhos ao que ela se apresenta.

O uso da fotografia jornalística em veículos de comunicação tornou-se uma prática necessária nas pautas das redações, pois a imagem no fotojornalismo descreve, narra os acontecimentos, conta uma história.



A fotografia dentro do jornalismo é um elemento que acompanha o texto e assegura o leitor de que o que ele está lendo é realmente o que aconteceu, pois a foto é um registro da realidade e é uma referência documental, desde que não seja manipulada e não seja registrada em um ângulo que gere duplo sentido, pois a imagem é passível de várias interpretações, além de o fotógrafo ter registrado apenas um recorte da realidade.

O fotojornalismo é uma actividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual. Pode ser usada em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de empresa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação (SOUSA, 1998, p. 5).

O fotojornalismo age a favor da sociedade. O trabalho exercido pelo fotojornalista associa-se à disposição de fatos e da divulgação dos mesmos de forma que possam ser interpretados por todos os membros de quaisquer comunidades. A falta de divulgação de produto imagético acarreta na obscuridade do que poderia ser divulgado. A não exposição de material relacionado a determinados temas é camuflada pela mídia por esta exercer um papel de, além de informar, também denunciar fatos. Neste contexto, a não divulgação está relacionada ao processo de divulgação do conteúdo, que depende dos interesses políticos, econômicos e sociais do veículo de comunicação.

A partir desse conceito de certificação da realidade é que serão expostas, por meio da linguagem fotojornalística, imagens dos catadores de resíduos recicláveis, no lixão de Itabuna em que tem como objeto registrar uma comunidade específica da cidade.

2 A PRODUÇÃO DO LIXO E O SEU CONTEXTO SOCIAL

A produção do lixo está diretamente relacionada ao consumo de produtos propostos pelas indústrias e que a sociedade está condicionada a consumir, independente de suas necessidades supérfluas. A produção de resíduos começa pelo fluxo de materiais necessários no dia a dia que, conseqüentemente, geram lixo.

O conceito global de consumo pode estar vinculado aos meios de comunicação e a “recepção” de bens simbólicos que o ato de consumir os remete. Segundo Canclini (2001, p. 77), “o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”, ou seja, o consumo faz parte de uma perspectiva econômica que reflete em algo muito maior do que o simples fato do “gosto” ou “capricho”, sendo essas caracterizadas como ações impensadas.



A racionalidade proposta pelos agentes econômicos não são a única forma de explicar o consumo. Ele também faz parte de uma interação sociopolítica. Sevcenko (2001, p. 64) relata que “as pessoas são aquilo que consomem”. Nesta corrida pelo tempo, a qual a indústria cultural propõe, os indivíduos são identificados pelos produtos expostos, seja no modo de vestir ou até mesmo pelo jeito de falar. Esses indivíduos ficam condicionados a consumir as tendências propostas pelos meios de comunicação, como forma de inserção nos grupos sociais. Nesta sociedade, as pessoas são avaliadas pelo que consomem, pelo que possuem, pelo o que têm, portanto, vale mais o “parecer”, do que o “ser”, na ampliação do papel da visão.

Para Manuel Castells (apud CANCLINI, 2001, p. 78), “o consumo é um lugar onde os conflitos entre as classes, originados pela desigual participação na estrutura produtiva, ganham continuidade através da distribuição e apropriação de bens”. Em um processo de produção, as demandas se sobressaem pelo ato de consumir e essa interação entre produtores e consumidores que são seduzidos pelo que se tem em mercado para comprar e, ao mesmo tempo, justifica-se essa compra a partir de algum conceito atribuído a necessidade de adquirir esses bens. Nas palavras de Sevcenko (2001, p. 64), “sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra”.

É o consumo desenfreado de produtos o principal causador do acúmulo de lixo em uma sociedade. Segundo dados do IBGE (2000), dos 5.507 municípios brasileiros, 5.475 municípios possuem serviços de limpeza urbana e, ou coleta de lixo. No Nordeste, dos 1.769 municípios que possuem esses serviços, apenas 27 possuem coleta seletiva e 23 programas de reciclagem; nesta região, a unidade de destino final de lixo coletado é de 20.043,5 para vazadouro a céu aberto (lixão).

Itabuna, uma cidade localizada na região Sul da Bahia, contribui com uma média total de lixo de 160 toneladas por dia e sua destinação final também é o lixão que fica localizado em uma área mais afastada da cidade.

Um lixão é uma área de disposição final de resíduos sólidos sem nenhuma preparação anterior do solo. Não tem nenhum sistema de tratamento de efluentes líquidos - o chorume (líquido preto que escorre do lixo). Este penetra pela terra levando substâncias contaminantes para o solo e para o lençol freático. Moscas, pássaros e ratos convivem com o lixo livremente no lixão a céu aberto, e pior ainda, crianças, adolescentes e adultos catam comida e materiais recicláveis para vender. No lixão o lixo fica exposto sem nenhum procedimento que evite as consequências ambientais e sociais negativas (GONÇALVES; PINHEIRO; DURÃO, 2010).

De acordo com o IBGE (2010), Itabuna possui 432 quilômetros quadrados e uma população estimada em 204,667 habitantes. Todos os tipos de resíduos gerados por essas



peças são destinados ao lixão, que é um espaço clandestino, sem estrutura para receber resíduos de qualquer natureza, o que provoca contaminação do solo, da água subterrânea e é o principal causador de doenças para os indivíduos que vivem no lugar, portanto, não há medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública.

A população que habita junto ao espaço de destinação de resíduos está sujeita a conviver com animais que põem em risco a saúde, o que promove a degradação do meio ambiente e cria problemas sociais. No entanto, esses indivíduos são dependentes dos resíduos que são extraídos do lixão e que garantem a sobrevivência da família a partir do que é descartado pelo outro lado da sociedade, pois o que é lixo para uns é de utilidade e gera renda para outros que residem e sobrevivem no e do lixo.

A falta de recursos financeiros para garantir a sobrevivência é o que leva os indivíduos a morarem no lixão, ou apenas buscarem, neste lugar, uma forma de gerar renda, por meio de reciclagem dos materiais coletados. É o que o fotógrafo Marcos Prado (2004, p. 9) destaca, quando diz que o indivíduo vem “transformando a si próprio em lixo social”, pois trata-se de pessoas que se misturam à desordem, à poluição que outros seres humanos descartaram.

Os lixões a céu aberto que integram a paisagem das periferias das cidades brasileiras são partes constituintes do próprio processo social de produção capitalista excludente do espaço urbano, além de representarem, hoje, o ambiente de trabalho e moradia de uma parcela da imprecisa população de catadores de resíduos sólidos (STROH et al., 2009, p. 56).

Os recursos naturais estão disponíveis a todos os indivíduos. O consumo e a extração de materiais para transformação de objetos de forma desenfreada é que vêm ocasionando maiores problemas no ecossistema. Toda e qualquer produção deve estar de acordo com as legislações ambientais vigentes no país, como também é dever do Estado e da sociedade a fiscalização diante de atitudes que venham a prejudicar o meio ambiente, fazendo com que essas extrações aconteçam dentro dos padrões de minimização dos impactos ambientais sob um aspecto que não cause maiores agressões aos ecossistemas. A produção em escala de produtos deve ser avaliada de uma forma sustentável, para que as atuais e futuras gerações possam usufruir desses recursos sem comprometer as necessidades de consumo para a vida humana.

A definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro (WWF, 2010).

Quanto mais a sociedade consome, maior será a quantidade de lixo que ela vai gerar e sua destinação vai depender do comportamento ao qual ela está direcionada. Carvalho (2010,



p. 06) destaca que a preocupação das empresas em divulgar a imagem do meio ambiente não é algo diretamente positivo e sim mais uma forma de vender a boa imagem da preservação da natureza do que realmente preservá-la: “as empresas constroem uma imagem e tentam consolidar através de campanhas de marketing”.

A divulgação dessa imagem acontece por meio dos veículos de comunicação que devem ou deveriam cumprir as normas estabelecidas pela “Agenda 21”, documento da Eco-92 que aconteceu no Rio de Janeiro de 1992, em que esta se destina a propor ideias ambientalistas com planejamentos de ordem sustentável.

O abuso do consumismo e a super produção a partir dos recursos naturais provoca “agravamento da pobreza e dos desequilíbrios”, esse agravamento pode ser notado quando os produtos são fabricados de formas insustentáveis e com exploração da mão de obra de uma quantidade de pessoas menor do que realmente seria necessário para confeccionar milhares de “coisas” numa produção industrial.

Em Itabuna, a coleta de lixo é realizada pela empresa Marquise, que, com o apoio de 6 caminhões compactadores, 3 caçambas e 3 carroças (para as áreas de difícil acesso), coleta cerca de 160 a 170 toneladas de lixo todos os dias e todo esse resíduo é descartado no lixão, conta com 210 profissionais de limpeza urbana.

Uma das alternativas ou a única fonte de renda dos catadores de lixo de Itabuna é a reciclagem. A reciclagem é o resultado de uma série de atividades, pelas quais materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, são desviados, coletados, separados para serem vendidos e que provavelmente se tornarão novos produtos. De acordo com entrevista estruturada realizada no local com catadores, os materiais que eles mais coletam são plásticos, por estarem no lixão em maior quantidade e, por isso, tornam-se mais rentáveis, apesar de ser o metal o material de maior valor no mercado.

O material reciclável separado pelos catadores é vendido dentro do próprio lixão, onde existem catadores que compram os resíduos separados pelos outros e revendem para empresas que, com veículo próprio, adquirem a mercadoria. Com o pagamento dos compradores externos, os compradores internos pagam aos outros catadores, gerando assim lucratividade. Essas pessoas buscam no lixo a oportunidade de geração de renda que não encontraram em outro lugar, restando sempre a esperança de haver uma chance de trabalho digno e mais humano.

Para que o lixo torne-se um negócio de geração de emprego e renda e melhores expectativas de vida para a comunidade do lixão, é necessário a inserção de políticas públicas. De acordo com a Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010, aprovada pelo Congresso Nacional, a

Política Nacional de Resíduos Sólidos, determina o fechamento de todos os lixões dos municípios de todo o país até 2014.

A produção propõe a amostra da realidade dos catadores, através de fotografias, é a representação da situação que vivem muitos indivíduos, próximos e ao mesmo tempo distantes dessa sociedade “civilizada”. Nesta pesquisa o termo “representação” dirige-se acerca da imagem como uma nova apresentação, através de um elemento que substitui o elemento exato, na mesma função do signo semiótico. Neste caso, especificamente, através de imagens fotográficas, que substituem o lugar (o lixão), as pessoas (os catadores de lixo) e as coisas (os resíduos sólidos), portanto estas fotografias mostram, representam estes elementos, os substituem.

3 PROCESSO CRIATIVO DO ENSAIO FOTOJORNALÍSTICO

O processo criativo é uma abordagem a respeito do livro de fotografias construído, o que antecedeu a execução até a montagem e impressão do suporte. A sessão fotográfica tem classificação no gênero fotojornalístico como histórias em fotografias ou *picture stories* englobando o subgênero foto-ensaio, que segundo Sousa (2004, p. 103): “O foto-ensaio é uma história em fotografias que procura analisar a realidade e opinar sobre ela (fotografia com ponto de vista). Muitas vezes, nos foto-ensaios o texto é tão importante quanto a imagem.

Neste sentido o fotolivro é um suporte que além de mostrar o ponto de vista do fotógrafo possibilita ao leitor melhor visualização do assunto, como uma forma específica e direcionada de olhar o fragmento de uma problemática social.

O objetivo é mostrar, através de um produto fotojornalístico, as condições das pessoas, do lugar e das coisas que fazem parte do dia a dia e, por conseguinte, sobrevivem do lixo e fazem do lixão um lugar capaz de garantir seu sustento. É a representação imagética da realidade dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Itabuna.

O foco de atenção são pessoas trabalhando no lixão, o acúmulo de lixo e os objetos que o compõem; as casas que são habitadas pelos catadores dos resíduos recicláveis e os locais em que eles passam o dia à espera do caminhão carregado de lixo na esperança da chegada de mais material para compor seu aglomerado de objetos a serem reutilizados.

A divulgação da informação é o principal elemento do fazer jornalístico, por isso, a fotografia torna-se importante para retratar o cotidiano das pessoas do lixão de Itabuna, o que vai possibilitar a visibilidade do lugar e das condições em que vivem estas pessoas e, desta forma, levar uma melhor compreensão a pessoas externas a essa realidade a partir da imagem registrada.

Para produzir o fotolivro foi necessário, *a priori*, fazer uma visita ao lixão de Itabuna para verificar se as pessoas que moram e trabalham autorizavam fotografar o local e serem fotografadas. Em conversa com o coordenador de vendas dos materiais recicláveis, Osvaldo dos Santos, o registro fotográfico do lugar e entorno foi autorizado. As pessoas, além deste, também foram consultadas antes do ato fotográfico.

Para esta produção, foi utilizada a câmera EOS – Digital Rebel XTi e objetiva EFS 18-55 mm, modelo Canon. Foram 268 fotografias entre o horário de 9 horas e 11 horas da manhã, compostas por enquadramentos, planos, ângulos e composições necessários para possibilitar uma melhor interpretação do assunto fotografado. A dificuldade em conseguir a compreensão das pessoas do lugar e a estranheza que foi causada com a presença de alguém para fotografá-los impossibilitaram a ida ao lixão outras vezes para capturar mais imagens. Porém, a quantidade produzida em um dia foi suficiente para expor o tema.

Neste processo, o único equipamento de proteção individual utilizado foi uma bota, devido à quantidade de lama e substâncias tóxicas que poderiam causar problemas de saúde com o uso de calçado aberto, apesar das pessoas que estavam imersas no lixo e manipulavam-no sem qualquer proteção, pois já possuía defesas orgânicas para não contrair doenças.



Fotografia 1: Espaço destinado ao descarte de resíduos sólidos da cidade de Itabuna, Bahia



Fotografia 2: O lixão de Itabuna e a inserção de pessoas para coleta de resíduos



Fotografia 3: Pessoas buscam alimentos para manter a sobrevivência



Fotografia 4: Pessoas encontram no lixo uma forma de garantir o pão de cada dia



Fotografia 5: Moradores do lixão de Itabuna e a reciclagem de materiais



Fotografia 6: Reaproveitar alimentos faz parte da rotina dos catadores do lixão de Itabuna

O processo inicial para a pós-produção do fotolivro foi selecionar as imagens. Nesta etapa de escolha, foram selecionadas, no primeiro momento 40 imagens, do total de 268 fotografias captadas. Logo foram convertidas em preto e branco, foi melhorada a saturação no *Photoshop*, para verificar quais ficariam melhores em determinadas cores. Após essa análise preliminar, foram selecionadas 25 fotografias, que foram divididas em três seções: “O lugar”, “As pessoas” e “As Coisas”, entre preto e branco e coloridas para compor o livro de fotos. Segundo Busselle (1996), “por meio de tons e matizes, a cor define e forma e transmite emoções e estados de espírito”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geração de lixo não para de crescer. E isso é um problema que ocorre no mundo todo. Os consumidores estão, cada vez mais, comprando produtos e, conseqüentemente, gerando mais lixo; é um processo cíclico e inevitável, mas que depende de políticas públicas para que esse lixo tenha uma destinação correta.

A pauta de sustentabilidade hoje deixou de ser apenas uma probabilidade do que vai acontecer daqui a alguns anos com o lixo, já é uma responsabilidade social, política e econômica do presente e essa necessidade de lutar por um país sustentável está diretamente relacionada aos cuidados com o meio ambiente, além da educação e conscientização ambiental que a sociedade tem para tratar esse assunto como um problema de cada indivíduo.

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber as dificuldades de uma outra comunidade jamais vista antes, mas que sempre despertou uma curiosidade de como funcionava o descarte de lixo e para onde iria todo o lixo coletado na cidade.

Na aproximação com as pessoas que estavam exercendo a atividade de catação e outras pessoas que estavam no entorno, em suas casas, é que foi possível ter uma melhor percepção do que acontecia no lixão todos os dias e essas conversas foram o ponto central



para transmitir confiança e conseguir autorizações para expor detalhes das suas vidas, com a entrevista estruturada e semi-estruturada, e depois conseguir captar o cotidiano de cada um deles através de uma lente.

Dentre as três saídas realizadas, uma para conhecer o espaço, as pessoas e entrevistá-las; outra para fotografar e coletar as autorizações de imagens, foi possível tecer algumas considerações a respeito do tema proposto e das condições em que a comunidade vive. Notou-se que é praticamente nula a intervenção de qualquer assistência social no local, em que famílias pobres ou abaixo da linha da pobreza têm por direito serem assistidas por programas de melhoria da qualidade de vida.

O que fica de toda essa experiência é a descoberta do problema indicado nesta pesquisa. As pessoas que vivem no lixão ou fazem dele um lugar e um meio de sobrevivência são, sim, sujeitos, por estarem submetidos a algo que garante o sustento de suas famílias, o lixo. E são ocultos, na significação do escondido, pois estão longe dos olhares da sociedade. O que não é visto torna-se oculto, são pessoas e um lugar que existem, mas estão fora do alcance dos olhos de uma sociedade que só acredita e toma providências por aquilo que está exposto, especialmente na mídia, é a forma que as autoridades encontram de mostrar a resolução de um problema num parâmetro político ligado a interesses. Neste contexto, o fotojornalismo atua como propulsor da disseminação dos fatos sociais.

Portanto, são pessoas que vivem do lixo produzido pela sociedade “civilizada”, que descarta todo o resíduo produzido em residências, empresas e estabelecimentos comerciais em que o lixo é colocado na rua e o caminhão faz a coleta que tem como destino o lixão e, a partir disso, outras pessoas já esperam o despejo no lixão para disputar os materiais recicláveis que compõem o amontoado de coisas que serão selecionadas e posteriormente vendidas.

Vivemos em num mundo finito, com sistema de extração, produção, distribuição e consumo linear, portanto, daqui a alguns anos, não haverá para onde enviar todo o lixo produzido. Claro que educar para reciclar é uma saída, mas não é uma solução, até porque existem produtos que são feitos para não serem reciclados (como as caixas de sucos que são compostas por papel e alumínio). O que se precisa é de algo novo que faça com que as coisas sejam transformadas e que a mídia e o sistema capitalista não obrigue a todos a comprarem aquilo de que não precisam e as empresas produzam não apenas para satisfazer os clientes, mas para tornar úteis e duráveis todas as coisas.



REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. Imagem e Fotografia: Aprendendo a Olhar. In: LEAL, Ondina Fachel (org). **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.
- BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Julio Castafion Guimarães. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).
- BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. 7 ed. São Paulo: Pioneira, 1996.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- GONÇALVES; PINHEIRO; DURÃO. **Lixo**. Disponível em <<http://www.lixo.com.br>>. Acesso em maio 2010.
- IBGE. **Coleta de lixo em números**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/gari/coleta.html>>. Acesso em 18 out. 2010.
- IBGE. **IBGE Cidades@**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 10 jun. 2011.
- JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Col. Ofício de Arte e Forma).
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Ed., 1999.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.
- PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ática, 2003. (Série Princípios).
- PRADO, Marcos. **Jardim Gramacho**. Rio de Janeiro: Argumento, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida do século XXI**: no loop da montanha russa. Coordenação Laura de Mello e Souza, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WWF. **Brasil**. Disponível em <http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/>. Acesso em 24 out. 2010.